

O sonho de Cronos

Pelas 7 maravilhas do mundo

(Pós Pandêmico)

Paulo Flores

- Venham! Venham! Corram! Vejam, as portas se abriram!

Eram milhares de centenas de muitos, que amontoados em seus retiros, aguardavam o fim do claustro. Aquele um de exausto convívio forçado, convívio este um dia optado, posto à prova num intenso longo momento, que se findava. Ali estava a ansiada porta fronteira escancarada, sedutora a aqueles todos uns boquiabertos com suas retinas dilatadas aos olhos arregalados.

Por momentos a cena se congela num tempo símile a aquele percorrido por ponteiros estagnados. Nada, absolutamente nada, acontecia. Somente o eco das anunciadas palavras clamadas, percorrendo os ambientes num looping, decrescente fermata, aguardando o magnânimo e maestral corte do supremo absoluto regente Cronos, que ainda deitado a rede se esquecia de si mesmo.

Quem ali pausado ousaria acorda-lo ou teria o ímpeto presunçoso de cutucar o tempo com vara curta? Quem ali daqueles poria a cara a tapa, com a face desmascarada, com o limpo semblante, num impetuoso gesto de despertar um deus do Olimpo de seus quem sabe sonhos, quiçá premonitórios de um pós-pandêmico também por ele aguardado, esse após apóstrofe de isolamento entre aspas.

De súbito, embalado em rede ao eco vigente, através do espaço latente estagnado, sonoras imagens vindas dum mítico uai-fai atemporal, abusado, intrometido, transbordam interferências de acontecidos de ontem, de hoje, prum amanhã de agora, imediato futuro presente. Orbes tidas de vagos plenos momentos disparam-se em flashes, por sobre os muitos ali congelados, numa apresentação atípica dum net-seriado típico.

O senhor do tempo em estado sonho REM, num profundo inconsciente, remexe seus baús como quem atira para o alto memórias roupas usadas, esgarçadas, rotas, empoeiradas, numa abrupta e alucinante busca descrente, difusa em meio a um freudiano universo intáctil. Voam ternos abraçados em vestidos, camisas em tailleurs, chapéus cocos penetrados por cartolas, máscaras coladas num passional beijo viral, em meio a meias inteiras enroladas dentro de sapatos sobre pisados por sujas polainas, anidropodotecas enlameadas pelo barro da história.

Quanto mais mexe, remexe, dá um nó mitigante que mais dói do que alivia, trazendo neste sonho laive peças suscintas da dor, passado resumido por títeres e fantoches de figurinos de época, estilizados, criados por hábeis estilistas, designers no fazer do vestir a todos com a camisa de força do pseudo querer. Roupa da moda de sempre, que veste da cabeça aos pés, de alto à baixo, da nobre coroa a fétida descarnada sandália havaiana.

Baú sem fundo, vis vestimentas impostas ao povo do sempre. Numa eterna reprise dos piores momentos da humanidade, Cronos, lógico, principia no START, revê a si mesmo castrando seu próprio pai e devorando seus próprios filhos pra não ser por eles, quem sabe ptonicamente, também castrado e devorado, na roda viva do poder, justificando assim seu existir essencial, derradeiro, o

tirano único salvador fundamental construtor da perfeita sociedade, do desenvolvimento, da ordem e do progresso.

Num virtual ápologo Koyaanisqatsi idas e vindas perpetuam o hoje sempre dos povos, num não se saber se foi ou se será ou não se saber o porquê do não ter sido, assim restando o não saber se algum dia poderá vir a ser. Passam os civilizados Sumérios sumindo pelos civilizados Amoritas criando civilizadas Babilônias com seus civilizados Nabucos surgindo nas sombras dum civilizado Egito de Gizés pirâmides – RIP - Queóps, Quéfren e Mequerinos. Petras ruínas do que civilizados esculpiram na rosa rocha em monte santo, como uma messalina highlander vai trocando de mãos à espera da catástrofe salvadora, talvez um anseio em tornar-se um Taj Mahal e ser o templo do amor eterno.

Cronos treme! Treme como um duplo terremoto e o estagnado ambiente tiritada, sacode com a bela imagem pairada de Reia, essa irmã-esposa enganosa traíra, dissimulada mãe de Zeus o envenenador do tempo que o faz regurgitar sua própria prole para sentar-se em seu trono em Olímpia, magnânimo, que então a todos perdoa. Perpetuado, precioso colosso em ouro e marfim, cravejado de esmeraldas e rubis, porém queimado divide, na sua imensa glória e poder, o top ranking com um mero e afogado titã, também colosso em Rhodes que ali imenso se servia a iluminar o caminho, pois navegar é preciso.

De muros e muralhas, divisores de águas, cerceadores de tribos e castas o mundo está cheio. Seja China ou Israel, seja Berlim ou Celta-Melilla, ou Grécia e Turquia, ou entre Coreias, ou que importa, sempre à restringir, coibir, isolar, impedir, tolher, sempre e sempre a preservar o que é meu é meu, mas o que é seu muito me interessa. Pois que fique cada macaco no seu galho, mas como sua grama é mais verde, escreveu e não leu o pau comeu, como ladrão que rouba ladrão e fere com o ferro que foi ferido, se sacudindo por não poder rir por último reinando em terra de cego, sendo a caça que caçou debaixo da tempestade que semeou.

Águas divisórias, com ou sem pontes levadiças não segregam nem separam o joio do trigo. Velas ao mar, caravelas direcionadas por sextantes e astrolábios que desbravam oceanos e como agulha no palheiro são encontrados, pelo imã da cobiça e da ambição de Colombos e Pizzaros, Cabrais e Américos e também Magalhães, novos mundos onde tombam civilizações, tombam Incas e Maias, tombam Astecas e Toltecas, sobrando somente pedras sobre as pedras de Machu Pichu ou Chichém Itzás, vírus transoceânico, de espécie similar plantado ao vento da conquista, semeado por tempestades de cobiças, devastando os isolados povos irmãos que desconheciam a ira da ganância de seus sapiens semelhantes, homo invasores .

Amores do passado no presente refletem velhos temas tão banais, enterrados em mausoléus de Mausolo, mausoléus de Halicarnasso, ali enquanto carne amado por Artemísia e ali depois da

carne, cinzas, tomado, bebido por Artemísia. Egos mortais, em um querer imortal do não querer morrer, erguem-se em suntuosas construções, onde lá perpetuam seus amores e perpetram suas idolatrias. Artemísia em suntuosa cova tem como Ártemis, a deusa Diana, em seu Éfeso templo a casa morada eterna, como temas tão banais dos amores mortais. Tanto amor, mas tanto, que na tristeza da dor da perda não se vê a dor dos outros e seus edificadas sentimentos tombam como as civilizadas civilizações nas mãos da natureza.

Luminoso progresso que cresce ambicioso e omissos, em rede, ligando mercados de necessidades e ganância por terra e por água, caminhos hídricos. Reinos com suas elites criadas pelas castas da ambição permitida pela omissão da maioria, essa, sempre sujeitada e escravizada, a ignóbil maioria rechaçada por si mesmo por sempre querer ser o sujeitador, o escravizador. Onde está a luz? Como iluminar as mentes dos omissos explorados? Melhor não! Melhor iluminar os caminhos do mercado, as rotas, os trajetos, sem os trejeitos de Rhodes, erigir e edificar metas, portos, iluminados faróis para abrir as portas de uma Alexandria. Portas! Sempre portas, abertas permitem o fluxo, locomover-se na opção do entrar ou sair, o livre arbítrio.

No livre arbítrio do não livre arbítrio, a civilizada civilização do panem et circenses cresce, o pão e circo, a mídia rainha dos desejos e das manipulações das massas. Cria-se a necessidade desnecessária para substituir a necessidade necessária, permite-se a glória do ser, do mito, das personalidades, dos famosos, onde não importa ser ou não ser. E assim constroem-se Coliseus onde gladiadores tornam-se ícones nos seus 15 minutos de fama. Coliseus virtuais dos mais variados tipos são disseminados por meios múltiplos da liberta manipulação, transformando cada dia mais a liberdade em prisão, onde, como numa eterna síndrome de Estocolmo, defende-se com paixão o opressor, sem critério, com a razão lobotomizada se atira, se entrega e se acredita também amado pelo opressor.

Civilizações! Ah, civilizações, com seus totens, seus ídolos de ouro, de bronze, de pedra, de concreto armado, que de concreto somente tem a ambição armada do enriquecimento do ego enaltecido, o exibir-se numa espécie de competição com Deus, em Babeis eternas sem função, só auto idolatria como um Cristo Redentor que abre seus braços pra Baía de Guanabara, como Rhodes, receptivo ao externo, ao visitante mercador, ao explorador, ao colonizador, de costas viradas para os seus que, como lava, escorrem por faveladas montanhas. Títeres totens que de moais são moídos pelo tempo, ele, que de fato, mima, bajula, enaltece a natureza, a essência da existência a célula mater da vida.

Com forte suspiro, Cronos se revira em cambalhotas completas, interpretando um meio pesadelo rondó. As imagens passam a exibir sempre o mesmo roteiro, um remake constante, onde mudam os personagens, variam as locações, adaptam-se cenários e os figurinos, mas segue sempre o

mesmo enredo de genocídio, escravidão e supressão da biodiversidade. Egípcios escravizam hebreus que são chacinados em tentativa de extinção étnica por nazistas alemães, que são perseguidos por europeus e se tornam cristãos, esses que em santas cruzadas dizimam milhões de mulçumanos e qualquer outro um que a, também santa, inquisição achasse aprouver.

Em santas nefastas ações em nome de quem pregou a paz, cristãos em nome de Cristo inventam interpretações de um livro tido sagrado pra saquear, segregar, apropriar, enriquecer, massacram-se em guerras santas ou revoltas seculares, noites de Bartolomeu que prenunciam 30 anos eternos de batalhas em nome do amor ao próximo. E Deus disse a Abraão vai e arruma encrenca, ponha filho contra filho para que seus descendentes se destruam clamando Islã, clamando Cristo, clamando Israel, numa similar disputa por uma herança de luz que se transformou em trevas. Mas Bhrama e Buda? Por quem os sinos dobram? Hindus e budista se mantém em conflito constante em nome de manter uma população enorme no reduto da miséria física e espiritual. Talvez melhor, então, sem esse um Buda da China banido, mesmo comunista sendo.

Torpes religiões ou torpe raça humana? Existe religião boa? Existe homem bom? Com certeza todas as religiões são boas, pois todas pregam, na sua essência, o bem, o amor, a fraternidade, a igualdade e desses conceitos surge a filosofia e com ela conceitos similares da busca da harmoniosa convivência da humanidade. Do Éden desfeito às bombas nucleares, das intrigas de Salomé aos fake News do cotidiano, cabeças rolam soltas numa avalanche de maldade humana, inconsequente ímpeto de destruir tudo para construir pra si, nem que seja o tudo de novo, mas aí tem – eu construí! O homem carrega, em si, o gene do egoísmo, aquele que mata pai, irmão, filho pra se perpetuar e pra se eternizar procria com mãe, irmã e filha.

Num bocejo relâmpago, Cronos se percebe nos sonhos e num rápido flashback de roteiro percorrido entende o porquê do mostrar que as 7 maravilhas do mundo seja do antigo ou do moderno enaltecem o ego humano muitas vezes com o sacrifício da obra divina. Seis mil anos se passaram e o mundo se repete numa ação moto contínuo perpétuo de maldade e destruição. Assim é o ser humano? Assim será o ser humano? Será que meses de isolamento o mudou? Será que nesse claustro aprendeu a amar seu semelhante? Será que nesse período trancado descobriu a importância da liberdade? Será que a falta da natureza lhe ensinou a preservá-la? Será que sentiu no fundo da alma que somos todos iguais, que as aparências enganam? Será?

Então num entorno olhar, viu que ali estava a ansiada porta fronteira escancarada, sedutora a aqueles todos uns boquiabertos com suas retinas dilatadas aos olhos arregalados e sem pestanejar disse a meia boca: - Melhor fechar, né não?